
Entrevistado/a: Raona Denise Pohren

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio de 2025

Local: EMEF Professora Maria Gusmão Brito (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

Raona Denise Pohren, 44 anos, é professora da rede municipal de ensino e mãe de uma estudante da EMEF Gusmão Brito, vínculo que a aproximou diretamente da instituição durante a enchente de 2024. À época do desastre, atuava como diretora da EMEI Brinco de Princesa, localizada no bairro Vicentina, uma das regiões mais atingidas pelas cheias. Sua escola permaneceu submersa por 32 dias, o que a impossibilitou de atuar diretamente junto à sua própria comunidade escolar. Diante disso, Raona buscou engajamento no abrigo organizado na EMEF Gusmão Brito, onde passou a atuar de forma voluntária desde os primeiros dias.

A ocupação inicial da escola para abrigo e apoio

A entrevistada relata que, ao tomar conhecimento de que o Colégio Gusmão Brito estava sendo organizado como abrigo, colocou-se à disposição da direção para colaborar. A chegada das famílias ocorreu de forma emergencial, com pessoas resgatadas de diferentes municípios da região metropolitana, muitas delas impedidas de retornar às suas cidades de origem devido à interrupção das vias de acesso. O abrigo passou a acolher cerca de 200 pessoas, incluindo idosos, pessoas acamadas, famílias inteiras e indivíduos em situação de extrema vulnerabilidade, exigindo rápida reorganização dos espaços escolares.

A atuação voluntária

Raona atuou como uma das coordenadoras do abrigo, dividindo responsabilidades com outros professores, funcionários e voluntários. Sua principal função concentrou-se na coordenação geral das ações, envolvendo a organização das salas de aula transformadas em dormitórios, a triagem de doações, o controle da entrada e saída de materiais, a articulação com a cozinha, a enfermaria e a rouparia. O esposo colaborou na recepção de cargas e do contato com voluntários externos. A entrevistada destaca que toda a organização ocorreu de forma espontânea e colaborativa, sem orientações prévias, mobilizando saberes diversos trazidos pelos voluntários, que contribuíram conforme suas experiências profissionais e pessoais.

A reconfiguração da escola em abrigo

A escola foi reorganizada de maneira progressiva e orgânica, com a criação de setores específicos para famílias, idosos, pessoas acamadas e para o acolhimento de animais resgatados, que incluíam não apenas cães, mas também aves e outros animais. Raona enfatiza a capacidade coletiva de adaptação diante de desafios sucessivos, bem como a mobilização comunitária, com doações e apoio técnico de profissionais de diferentes áreas. Destaca ainda o papel estratégico da escola como espaço acessível em meio ao isolamento territorial causado pela enchente, tornando-se referência de acolhimento para pessoas provenientes de diversos municípios.

Outras atuações voluntárias

Paralelamente à atuação no abrigo, Raona vivenciou o processo de reconstrução da EMEI Brinco de Princesa, cuja comunidade foi profundamente afetada, com perdas quase totais de moradias, bens materiais e documentos. O retorno às atividades escolares naquele território demandou forte engajamento comunitário, apoio de redes solidárias nacionais e internacionais e ações que extrapolaram o espaço físico da escola, envolvendo atendimento direto às famílias, cuidados com as crianças e reconstrução de vínculos.

Aprendizados e percepção sobre a experiência

Ao refletir sobre a experiência, Raona destaca a potência da escola pública como espaço vivo, que ultrapassa suas paredes e se constitui como referência fundamental nesses contextos. Ressalta, contudo, as contradições vivenciadas, como situações de falta de empatia e conflitos sociais que persistem mesmo em cenários de catástrofe. Para a entrevistada, a experiência reforçou a importância da solidariedade, do compromisso coletivo e da construção de vínculos, ao mesmo tempo em que evidenciou limites estruturais e humanos diante da complexidade da situação. Raona finaliza sua narrativa ressaltando o impacto emocional da experiência e a necessidade de reflexão contínua sobre a preparação das instituições e das comunidades para eventos extremos.